

APRESENTAÇÃO

CALEIDOSCÓPIO: UM GIRO A PARTIR DA PSICANÁLISE

Alex Barreiro

Você, leitor e leitora está prestes a se debruçar sobre alguns textos (artigos e ensaios) frutos de um intenso trabalho realizado neste último ano de 2023, envolvendo pesquisas teórico-conceituais, atendimentos clínicos e reflexões/discussões sobre a temática do autismo. Mas, antes de apresentar o volume temático “Psicanálise & Autismo” da Revista *Universitas*, é importante contextualizar o surgimento do GEPAPsi, Grupo de Estudos e Pesquisas em Autismo e Psicanálise vinculado ao curso de Psicologia da Faculdade Santa Lúcia – Mogi Mirim (SP).

O GEPAPsi nasce do desejo do Outro. Esse O maiúsculo é uma alusão ao Outro lacaniano, portanto, ao que denominamos como campo da linguagem, da cultura, provedor dos significantes. Mas, também do pequeno outro, esse podendo ser nominado por se tratar de pessoas de carne, osso, alma, preocupações e responsabilidades.

Durante o final do ano letivo de 2022, a coordenadora do curso de Psicologia da Faculdade Santa Lúcia, professora doutora Maria Eduarda Leme em reuniões com representantes do poder público tomou contato com a necessidade e emergência no que se referia ao atendimento de pais e familiares de crianças e jovens no espectro autista do município, uma vez que o aumento de diagnósticos e por consequência da demanda crescia rapidamente.

Tocada por essa preocupação, Maria Eduarda Leme sabendo da minha relação com o tema do autismo e do trabalho que desempenhava junto a essas crianças, me provocou a pensar ideias e possibilidades para que contribuíssemos enquanto instituição para a sociedade. As palavras reverberaram, me provocando pensar algumas ações. Desse deslocamento produzido surge a ideia de construir um grupo de estudos e de pesquisa, com a finalidade de trabalhar no tripé: famílias, crianças e escolas.

Era importante além de trabalhar com as crianças no espectro autista a partir da educação terapêutica, oferecer aos pais um espaço seguro de escuta, um lugar livre de julgamentos, determinações ou sugestões do que deveriam ou não fazer, proporcionando um ambiente onde pudessem falar, compartilhar angústias e experiências e elaborar conteúdos. Com relação a escola, nosso objetivo foi construir um trânsito com a equipe gestora e com as professoras, permitindo com que as dificuldades cotidianas enfrentadas junto das crianças fossem compartilhadas, colocadas em palavras.

Longe de querer apresentar fórmulas ou receitas de como trabalhar com as crianças atípicas, buscamos nos posicionar no lugar do “não saber”, o que permitiu uma identificação, tendo em vista que era necessário construir conjuntamente um saber sobre essas crianças.

Nossa aposta era de que a realização de um trabalho psicanalítico alicerçado no tripé escola, criança e família poderia (e pode) produzir um giro na imagem de como essa criança era narrada por seus pais e professoras. A proposta de girar a imagem nos recordava um caleidoscópio.

Uma instituição orientada pela psicanálise não promove uma escuta passiva, em contraposição a instituições que defendem aprendizagens ativas. Muito pelo contrário, uma instituição orientada pela psicanálise é um lugar onde se desenrola uma intensa atividade, considerada do ponto de vista da presença. A presença do outro é efetivamente uma exigência (Laurent, 2014, p. 128).

Nosso desafio consistiu em inventar um procedimento singular, adaptado, caso a caso, brincar uma solução para cada um, como escreveu Orrado e Vivès (2021, grifos nossos) produzindo a elaboração de uma assinatura da criança, o reconhecimento de sua singularidade, tornando aquilo que muitos consideram “bizarro” em um estilo. Os caminhos para a bricolagem são múltiplos e não se restringem a uma modalidade ou a descrições específicas de como fazer, como se houvesse uma espécie de bula que orientasse as práticas de aplicação e a dosagem. Sejam por meio dos objetos autísticos apresentados, dos duplos, dos efeitos ecológicos e ilhotas de competência ou pela forma como o gozo retorna na borda autística, o trabalho do analista permeia o lugar do “não saber” e junto dessas crianças pudemos confeccionar caminhos possíveis, que permitiram entre muitas coisas, o descongelamento dos afetos, como mencionou Williams (1992, grifos nossos) e outros autistas como Grandin (1994) qual a reparação da conexão afetiva foi possível para esta última através da construção da máquina do abraço.

Asperger (1998, p. 122) escreveu “os autistas não sabem o que fazer da afeição que lhes dirige e a recebem na incompreensão e mesmo a repelem”. Mas, sabemos que mudanças são possíveis, como atestam as experiências relatadas por autistas, como Sinclair (1992) e Tammet (2018) ao rememorem seus percursos.

Nos parece que o congelamento do S1 suscita uma falha da experiência interna e, nesse sentido, Marie Christine-Laznik a partir de seu trabalho com bebês (2013; 2021a; 2021b) nos ensina sobre a importância da reconstrução do trânsito libidinal, permitindo que essas trocas compartilhadas de prazer apareçam e possam vivificar o corpo e as relações. Propusemos algumas intervenções junto a essas crianças, pais e famílias permitindo a formação de novas imagens e leituras de seus filhos, e para isso foi necessário uma aposta na qualidade do sujeito que ali se encontrava, favorecendo a eles exprimirem seus afetos, o que perpassava por um trabalho pelo brincar (entre crianças e o(s) analista(s) e entre as próprias crianças).

Sabemos, desde Melanie Klein a importância do brincar (1996) na clínica psicanalítica com crianças. Ele pode ser concebido como um trabalho empreendido para organizar os significantes recebidos do Outro. Contudo, como lembra Coriat (1997) quando os elementos advindos do Outro não se sustentam, o analista pode integrar algum elemento no lugar do Outro da criança.

Em casos de quadros autísticos, o analista na sua relação transferencial¹ (Souza 2012; Baio, 2010) com a criança se ancora na presunção de haver ali um sujeito, portanto, uma aposta que lhe permitirá a tramitação do simbólico, “desabotoando os signos que a criança está aderida, para fazer deles significantes”, como lembrou Vorcaro (1999, p.67).

A clínica com crianças autistas nos remete a inúmeros desafios, como lidar com o Outro invasivo que acomete o indivíduo, onde a voz pode tornar-se um componente agravante, devido a condição que a criança se encontra. Nesse sentido, o trabalho de Lucero, Rosi e Vives (2021) retoma um dispositivo clínico interessante e importante no trabalho de mediação com as crianças, se trata da intervenção onde mais analistas estão presentes, ao invés de um atendimento individualizado, permitindo que sejam menos invasivas.

¹ O analista na sua relação transferencial com a criança autista parte do lugar do Outro, que tem a possibilidade de inserir e criança no discurso, lhe permitindo uma proteção significativa contra o Real, mas como um Outro barrado.

O trabalho de instituições psicanalíticas junto as crianças autistas têm conquistado notoriedade ao longo das últimas décadas, em particular, na Europa, como Bonneuil em Paris (França) e Courtil², em Bruxelas (Bélgica). No Brasil, essa experiência atravessa o Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem (CPPL), em Recife, e o espaço “Lugar de Vida” em São Paulo, que nos mobilizou a uma aproximação de seus instrumentos de acompanhamento desenvolvido, o APEGI (grifos nossos).

Inspirada em Bonneuil, em Paris, instituição “estourada” idealizada por Maud Mannoni e caracterizada pelas oscilações frequentes de estadias e de profissionais, contribuindo para o desenvolvimento psíquico dos autistas e do Lugar de Vida em São Paulo - espaço dedicado ao trabalho junto de crianças com entraves estruturais – nasce do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Autismo e Psicanálise (GEPAPsi) realizada no Núcleo de Psicologia Aplicada da Faculdade Santa Lúcia, o projeto Caleidoscópio (grifos nossos).

Na sequência, você leitor e leitora encontrará alguns dos textos e ensaios produzidos por estudantes que participaram desse espaço de atendimento, acolhimento e discussão clínica e puderam dar suas primeiras contribuições acadêmicas ao tema. Trata-se de um dossiê temático que retrata o caráter embrionário de um projeto que adquire consistência, importância e relevância no atendimento de pais, crianças e professores no município.

REFERÊNCIAS

ASPERGER, H. **Les psychopathes autistiques pendant l'enfance**. Le Plessis-Robinson: Synthélabo, col. Les empêcheurs de tourner em rond, 1998.

BAIO, V. La fonction des éducateurs à l'Antenne. In: HALLEUX, Bruno de (Dir.). **Quelque chose à dire à la enfant autiste**: pratique à plusieurs à l'Antenne 110. Paris: Michèle, 2010.

CORIAT, E. **A psicanálise na clínica de bebês e crianças pequenas**. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 1997.

GRANDIN, T. **Uma menina estranha**: autobiografia de uma autista. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

² Localizada na capital belga, Bruxelas, o Courtil reúne uma diversidade de profissionais de distintas especialidades, nomeados como interventores. Eles são responsáveis pelos cuidados e pelo cotidiano da instituição, como: aspectos relativos a higiene do local, o despertar e o dormir, as refeições e as oficinas terapêuticas denominadas por “ateliês”. Os ateliês são dispositivos inventados a partir das demandas das crianças que ali se encontram e a prática exercida e cunhada por Jacques Allan Miller é chamada “prática entre vários”, ideal que organiza, articula e sustenta as atividades no Courtil, pensadas em quatro eixos: a desespecialização, a formação, a invenção e a transmissão.

KLEIN, M. A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. *In Amor, culpa e reparação: E outros trabalhos. Obras completas de Melanie Klein. Vol. 1.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAURENT, E. **A batalha do autismo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

LAZNIK, M. C. **A hora e a vez do bebê.** São Paulo: Instituto Langage, 2013.

LAZNIK, M. C. **A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito.** Salvador: Álgama, 2021a.

LAZNIK, M. C. **Clínica de bebês: litoral entre psicanálise e neurociências.** São Paulo: Instituto Langage, 2021b.

LUCERO, A.; VIVÈS, J. M.; ROSI, F. S. A função constitutiva da voz e a função da música no tratamento do autismo. *Psicol. estud.*, v. 26, e48054, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v26i0.48054>. Acesso em abril de 2024

ORRADO, I; VIVES, J. M. **Autismo e mediação: bricolagem uma solução para cada um.** São Paulo: Aller, 2021.

SINCLAIR, J. Bridging the gaps: an inside-out view of autismo. *In: SCHOPLER, E. ; MESIBOV, G. **Hight functioning individuals with autismo.*** Nova York: Plenum Press, 1992.

SOUZA, L. C.; MENA, L.; ALMEIDA, P.; ABREU, T. M. L. de. A transferência na clínica do autismo. *In: MURTA, A.; CALMON, A.; MÁRCIA, R. (Org.) **Autismo(s) e atualidade: uma leitura lacaniana.*** Belo Horizonte: Scriptum livros, 2012.

TANMET, D. **Nascido em um dia azul.** Rio de Janeiro: Editora Intrinseca, 2007.

VORCARO, A. **Crianças na psicanálise: clínica, instituição, laço social.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

WILLIAMS, D. **Everyday heaven.** Journeys beyond the stereotypes of autismo. Publishers, 2004.